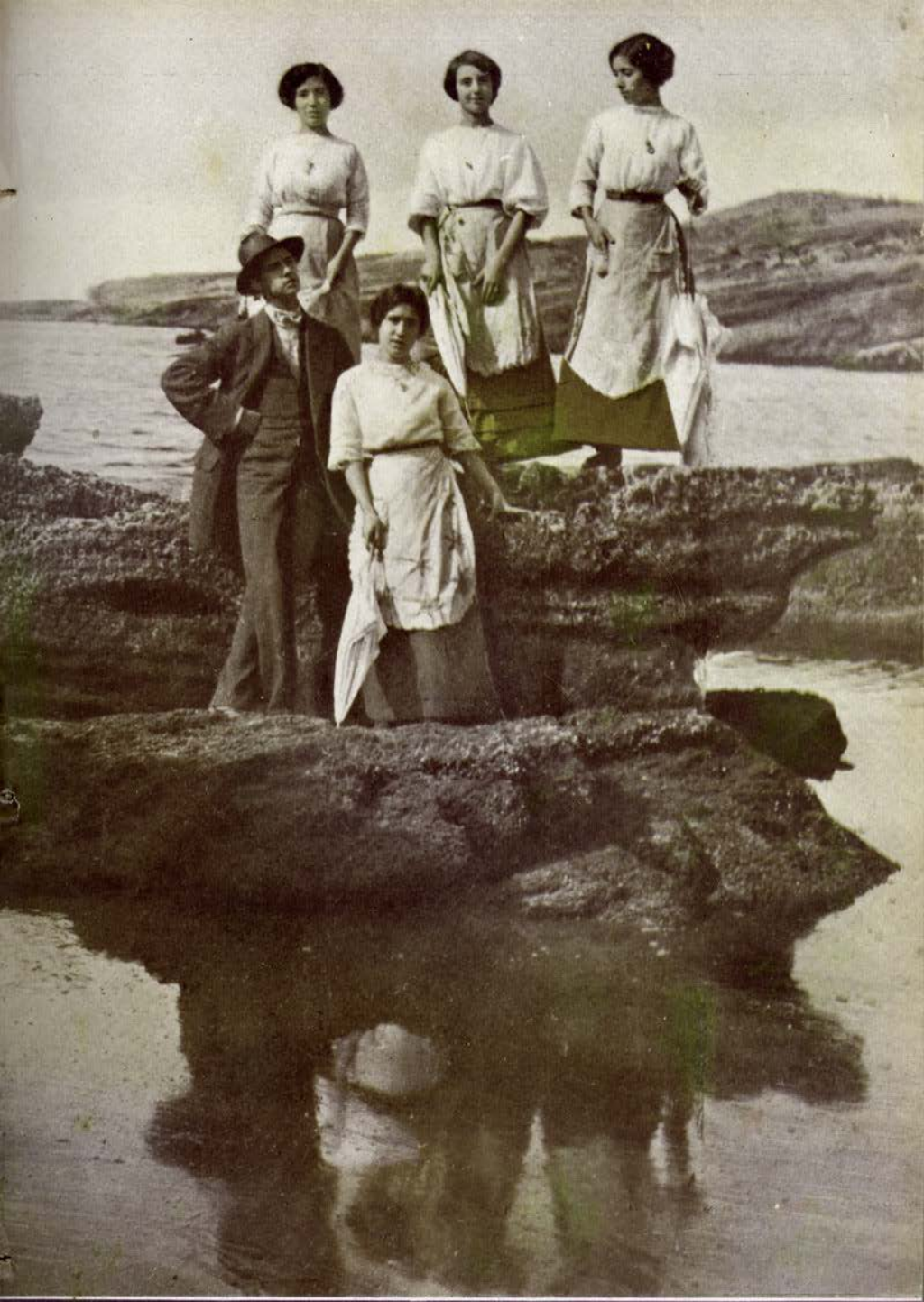


NA PRAIA DA LUZ—NOS ROCHEDOS JUNTO AO MAR CALMO. (Cliché do distinto amador sr. Antonio C. dos Santos)

N.º 349 Lisboa, 28 de Outubro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Ano, 4$800—Semestre, 2$400—Trimestre, 1$200

Illustração PORTUGUEZA

Diretor e Proprietario.-J. J. DA SILVA GRAÇ
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Com
sição e Impressão: RUA DO SECULO,43

CONSULTA: O vosso filho só deve usar as roupas interiores do Doutôr Rasurel e evitará os resfriamentos

As roupas INTERIORES HYGIENICAS
em lã e Uata de Turba

do Doutôr RASUREL

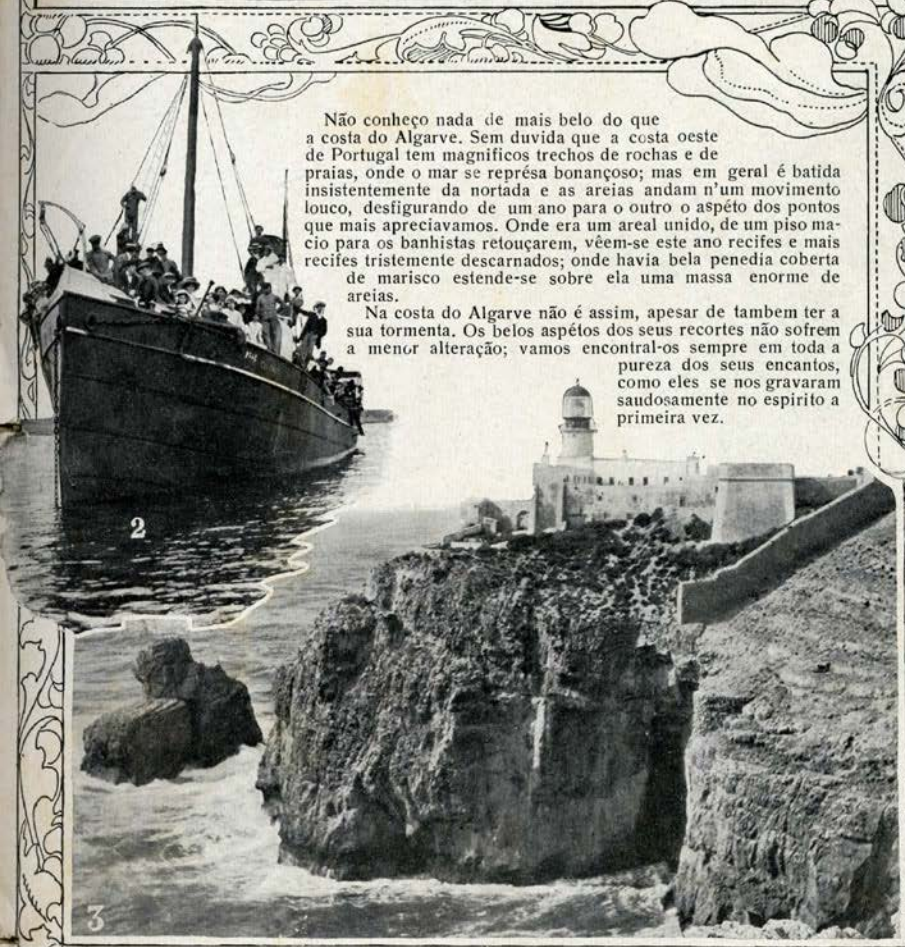
preservam dos RESFRIAMENTOS
e do RHEUMATISMO

Casa PITTA, 195 Augusta 197, LISBOA.

PORTUGAL PITORESCO
DA PRAIA DA LUZ A SAGRES

Não conheço nada de mais belo do que a costa do Algarve. Sem duvida que a costa oeste de Portugal tem magnificos trechos de rochas e de praias, onde o mar se represa bonançoso; mas em geral é batida insistentemente da nortada e as areias andam n'um movimento louco, desfigurando de um ano para o outro o aspéto dos pontos que mais apreciavamos. Onde era um areal unido, de um piso macio para os banhistas retouçarem, vêem-se este ano recifes e mais recifes tristemente descarnados; onde havia bela penedia coberta de marisco estende-se sobre ela uma massa enorme de areias.

Na costa do Algarve não é assim, apesar de tambem ter a sua tormenta. Os belos aspétos dos seus recortes não sofrem a menor alteração; vamos encontral-os sempre em toda a pureza dos seus encantos, como eles se nos gravaram saudosamente no espirito a primeira vez.



1—Ponta de Sagres e estação semaforica. 2—O «Colombo», com os excursionistas da Praia da Luz, fundeado em Sagres. 3—O farol do cabo de S. Vicente.

O mar parece nunca ter acordado do seu sono tranquilo ao abrigo das rochas, talvez embriagado pelas belezas da sua perspétiva, pelos feitios bizarros das suas cavidades, das suas furnas, e pelo recolhimento contemplativo, de que todos nos possuimos deante d'aquelas soberbas moles plutonicas.

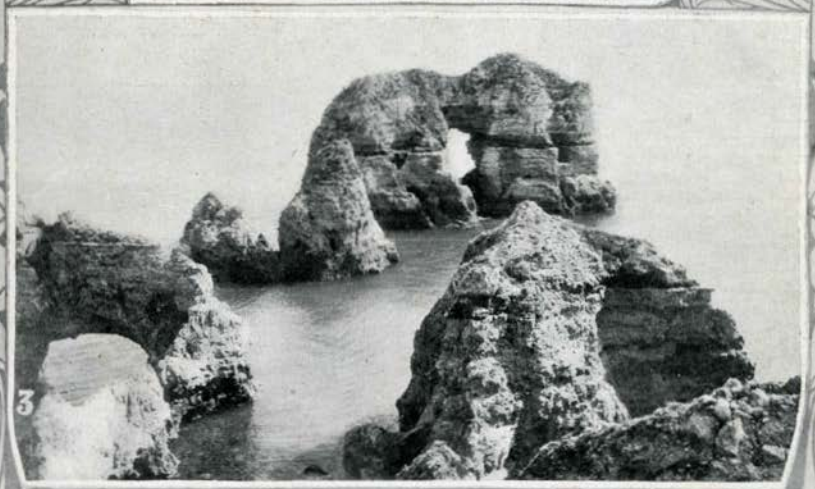
mo tiros de canhões, disparados contra os pombos bravos que esvoaçam sobre as nossas cabeças.

A costa do Algarve, de S. Vicente a Lagos, que é a que eu conheço, faz-me lembrar as dos nossos Açores. Se o seu belo clima e o seu fertil solo fossem aproveitados como os das nossas formosas ilhas para mais alguma coisa do que para uma cultura pouco mais do que rudimentar; se aos poderosos atrativos naturaes se juntassem embelezamentos e comodidades da

Ha quantos seculos se não admiram no mesmo estado essas largas e fundas piscinas, abertas no interior das rochas, semelhantes aos lagos maravilhosos das minas de hulha, encimados de abobadas em arcaria, com pilastras e mais arremedos de uma arquitetura estranha, tudo sob as aparencias de um equilibrio perigoso que a mais leve vibração do ar póde subverter!

E elas até resistem, como já experimentei, sem esboroar o menor pedregulho, a tiros de espingarda, que ali reboam co-

1—Na Praia da Luz. 2—Uma merenda na quinta do sr. José Correia. 3—Uma burricada na Praia da Luz



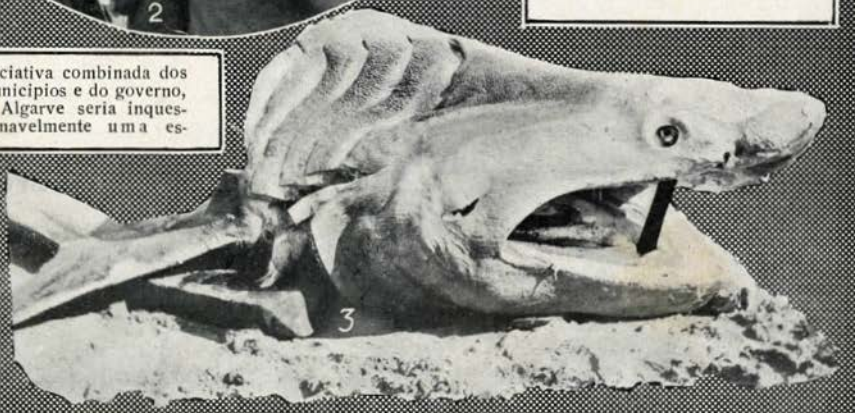
1—Rochas da baia de Lagos. 3—Grupo de excursionistas tirado na ponte do «Colombo».
3—Rochas na Ponta da Piedade.

tação de inverno preferida pelo turismo e as suas praias das mais frequentadas do paiz.

Ninguem dá aquele passeio delicioso que não traga duas impressões, qual d'elas mais profunda: a impressão de que a nossa terra possue encantos como poucas e a impressão de que, a par de cada um d'esses encantos que atraem, ha uns poucos de tristes monumentos da incuria administrativa que repelem.

F.

iniciativa combinada dos municipios e do governo, o Algarve seria inquestionavelmente uma es-



1—Da Luz a Sagres: Dançando a bordo do «Colombo». 2—Uma ilha em Sagres, fotografada de bordo do «Colombo». 3—Cabeça d'um enorme peixe desconhecido, que deu á costa na praia da Luz. (Clichés do distinto fotografo amador sr. Antonio C. dos Santos, um dos defensores mais valorosos dos interesses do Algarve).

VIDA COLONIAL

LANDANA

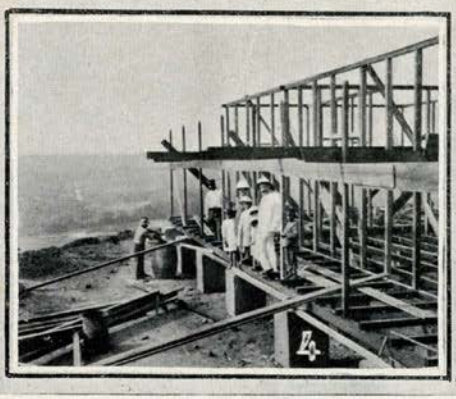
A' administração do 1.° tenente da armada sr. Vieira de Matos no Landana se devem, em grande parte, os melhoramentos ali iniciados apesar da falta de

1—1.° tenente sr. Vieira de Matos, administrador de Landana. 2—1.° tenente sr. José Cardoso, governador do Congo. 3—O novo posto de N'cuto, construido sob a direção do atual administrador da circunscrição Cacongo.

recursos. Tem-se tratado da agricultura a ponto de se fazerem excelentes plantações de cacau e até mesmo, com o auxilio da Camara Municipal, da Companhia de Cabinda e de varios comerciantes, a construção d'uma escola agricola.

Abrem-se tambem varias estradas para o interior.

Uma será utilissima, e que ligará Seva com N'Cuto, Buco-Zan e Macanji acaba de ser proposta ao governo pelo administrador assim como a abertura da barra do rio Chiloango, com um porto d'abrigo no estuario, o que resolverá o problema do trafego, atualmente dificilimo.



Construção para a escola agricola de Cacongo. Landana

O Chiloango é um belo rio, parece destinado a dar passagem aos grandes produtos da região, sendo necessario fazer n'ele um porto artificial para a Landana ter um grande futuro. Foi diante d'este pensamento e depois de aturado estudo que se fez a proposta da transformação do estuario em abrigo, aproveitando os seus fundos de 6 metros, fazendo dragagens faceis.

O governador do Congo, 1.° tenente sr. José Cardoso, aprovando todos os planos do administrador de Landana está tão in-

1—Cacoeiro de Buco Zan (plantação da Companhia de Cabinda.)

e a boa vontade teem conseguido maravilhas. Com um pouco da atenção dos governos dedicada ás cousas d'Africa, que tão carinhosamente os nossos oficiaes servem, dentro em anos teriamos novas fontes de riqueza a utilisar n'este periodo de revigoramento nacional.

teressado como ele na realisação d'este projeto utilissimo para aquela nossa colonia, onde só o esforço

2—Cacoeiro do N'Cuto (plantação da Companhia de Cabinda). 3—Cacoeiro de N'cuto (plantação da Companhia de Cabinda). 4—Novo Posto de Buco Zan construido, sob a direção do atual administrador de Cacongo.

A GUERRA NOS BALKANS

1—A infantaria bulgara.
2—O chefe do exercito bulgaro, genera Savoff.

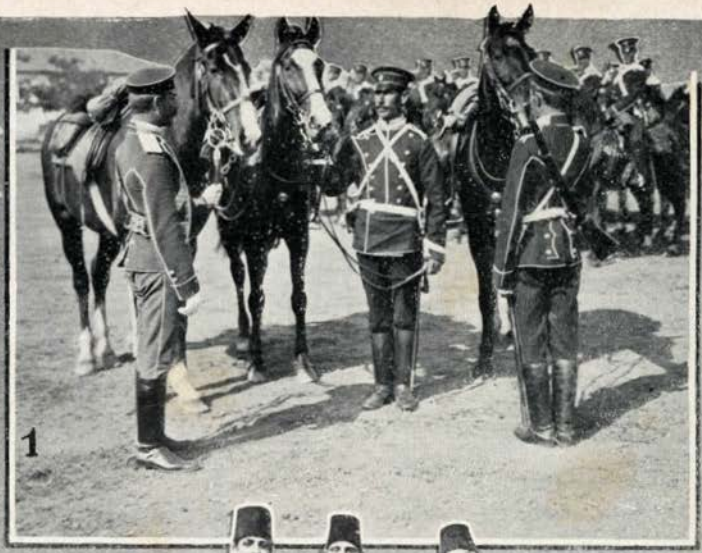
Depois das primeiras investidas do Montenegro contra a Turquia e das grandes vitorias obtidas por aquele pequeno povo contra o colosso, a Porta recusou toda a intervenção das potencias e ousadamente lhes respondeu declarando por seu turno a guerra á Servia e á Bulgaria, mandando ás suas tropas colocadas nas fronteiras d'estes paizes que investissem, travando-se logo os primeiros combates. A Grecia começou a sua mobilisação, ficando, todavia, o seu representante em Constantinopla até ao momento em que quatro

3—Voluntarios macedonios.

divisões gregas acamparam em Larissa, junto á fronteira turca.

Começou então o movimento naval turco; as suas esquadras dividiram-se pelas costas gregas e pelo Mar Negro sendo colossal o esforço da Turquia para arcar com todas estas lutas e ao mesmo tempo com as armas italianas na Tripolitana. Só a Roumania continua pacificamente a cultivar as suas rosas á beira do Mar Negro, extranha á guerra, enriquecendo-se sob a egide do seu soberano o esposo feliz d'essa grande rainha cheia de talento que o mundo literario conhece.

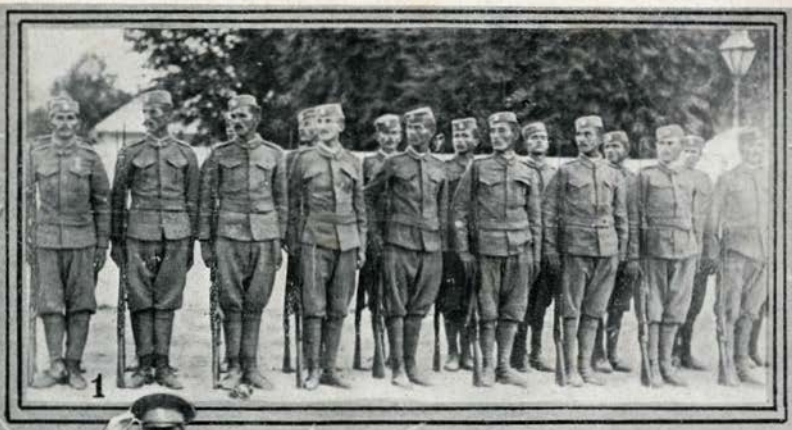
1—A artilharia bulgara em ação. 2—As damas da Cruz Vermelha bulgara. (Clichés Chusseau Flaviens)



As tropas bulgaras e servias partem para a guerra alegremente recebendo a benção dos seus padres, ouvindo antes do embarque as vibrantes alocuções onde os seus reis lhes dizem tratar-se da guerra santa, da luta da cruz contra o crescente, da nova cruzada para esmagar os infieis.

Nem tudo, porém, tem sido vantajoso para

1—A cavalaria bulgara na fronteira. (Cliché Chusseau Flaviens). 2—Uma das causas do conflito balkanico: Soldados da policia turca em volta das cabeças decapitadas dos chefes macedonios. (Cliché dos Archives du Miroir). 3—O rei do Montenegro, aclamado pelos seus soldados, antes da partida para a guerra. (Cliché Delius).

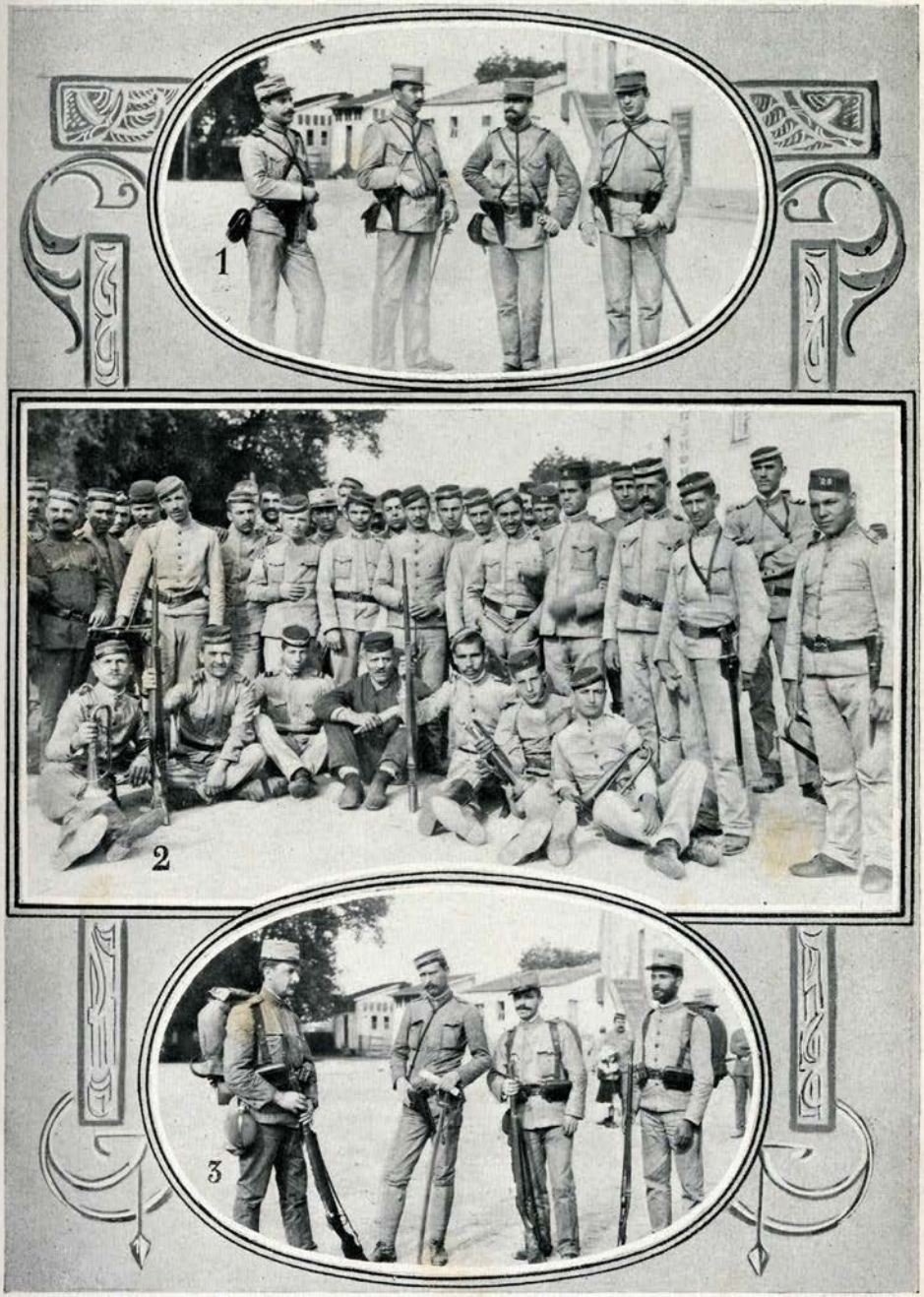


1—Infantaria montenegrina. 2—O general Vukotic, que venceu os turcos em Dechitch. (Clichés dos Archives du Miroir). 3—A guarda do rei do Montenegro. (Cliché Delius).

os coligados. N'um dos mais renhidos combates a cavalaria bulgara encontrou-se com os esquadrões turcos de Mustaphá. O choque evocava uma pagina da historia da Edade Media, nas pugnas corpo a corpo. Foi uma carnificina onde as cimitarras dos islamitas levaram vencidas as espadas bulgaras.

VIZEU

Chegada da 2.ª Companhia de Infantaria 14 de Celorico de Basto onde fez parte da coluna volante



1—Oficiaes da companhia. 2—Soldados de varios regimentos que compunham a mesma companhia. 4—Os sargentos da companhia.—(Clichés do fotografo amador sr. Joaquim Monteiro Batalha, sargento de cavalaria 7)

Estrelas de Paris

Mademoiselle Polaire

1—Polaire, na peça «Les Yeux Ouverts». (Cliché Bert). 2—A cintura da Polaire. (Cliché Reutlinger). 3—Uma caricatura de Polaire.

A celebre dona da cintura mais fina de Paris, que um emprezario americano ousou um dia apresentar como a mais feia mulher do mundo, alcança agora no Rèjane um dos seus mais belos triunfos como atriz. A peça que ela representa intitula-se «Les Yeux Ouverts» e foi escrita por mr. Camille Oudinot. A protagonista é uma rapariga viuva e pobre que experimenta a mais completa repugnancia em se entregar a um velho gêbo, cuja fortuna aliás

não deixa de atrail-a. E' por fim a um amigo do capitalista, mais novo e menos brusco, que ela se dá, feliz de poder amar alguem assim — «de olhos abertos!» Foi esse tipo de mulher que seduziu mademoiselle Polaire como ela a um jornalista confessou. E a artista interpreta-o com sinceridade, com amor, procurando apresental-o aos nossos olhos, de posse d'uma vida que o autor, sinceramente, lhe não deu. Com efeito, mr. Oudinot fez ao lindo tema da sua peça todo o mal que póde. A sua pena ignora as «nuances», as minucias de psicologia escapam-se-lhe por entre os dedos, pouco habituados — dir-se-ha — a trabalhos d'esse genero, cujo epilogo tem de ser espirituoso e leve, cujo tom não póde, sem desastre, ser brutal. Os personagens d'essa peça são, por assim dizer, schematicos. Na vida, os homens e as mulheres em geral, são menos simples. Mademoiselle Polaire é uma artista que veiu do «music-hall» para o teatro. O facto está sendo vulgar em Paris: no Odéon triunfam Jane Marnac e Vilbert, ambos vindos do «music-hall»; no Michel fez provas de bom autor um cançonetista celebre — Polin. E um critico ilustre salientava ha pouco quanto essa escola do «music-hall é, sob varios aspétos, excelente. Ha uma ciencia de pormenorisação que só se aprende lá. O cançonetista aprende o seu papel frase por frase e não ha intenção que lhe escape, «nuance», por mais subtil, que ele descure. Refiro-me ao bom artista do «music-hall», é bem de vêr. Mademoiselle Polaire é um exemplo d'essas boas, raras e preciosas qualidades. Será dificil encontrar uma mobilidade fisionomica mais sugestiva, um poder de expressão mais completo. E é, graças a essas qualidades, que o autor de «Les Yeux Ouverts», muito terá, d'esta feita, que lhe agradecer.

RUI DE CHAVES.

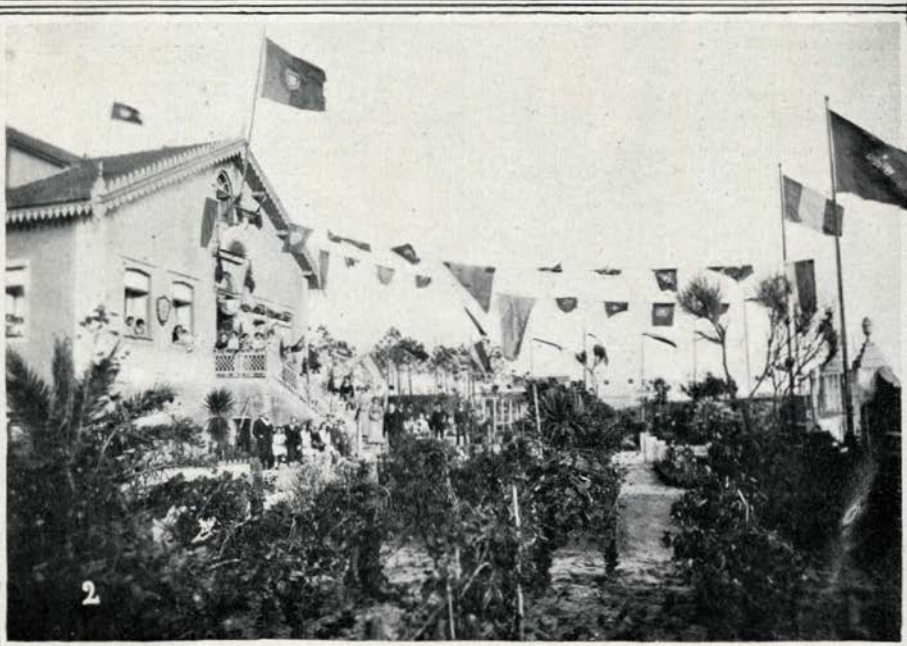
1 e 2—Polaire. (Clichés Reutlinger). 3—Polaire em sua casa. 4—Polaire. (Cliché Bert).

Em honra da Republica Portugueza

NO FURADOURO
(OVAR)

O ilustre e integro republicano sr. Manuel Pereira Dias festejou, na sua linda vivenda do Furadouro, o aniversario da Republica. Com grande entusiasmo se saudou o novo regimen, contribuindo para o realce das festas as gentilissimas senhoras que estiveram na residencia do devotado democrata.

1—Aspétos do grandioso festival para comemorar o segundo aniversario da Republica, na bela propriedade Vila Paraense, do devotado e prestigioso republicano sr. Manuel Pereira Dias, que nunca perde o menor ensejo de honrar o seu paiz e as instituições que o regem.



Algumas figuras do minuete dançado pela sociedade elegante que veraneava na Granja

Da esquerda para a direita: Srs.as D. Maria José da Rocha e Melo, D. Beatriz Alcoforado Aires de Gouveia, D. Maria Francisca de Sá, D. Lucrecia de Brito (Ermida), D. Elisa Andresen, D. Eliza de Sousa Reynolds, D. Maria Canavarro d'Almeida e Brito, D. Josefina Pacheco Burnay, D. Maria Rita de Brito (Ermida), D. Tereza Aires de Gouveia Allen, D. Maria Aires de Gouveia Allen, e os srs. Alvaro Aires de Gouveia, Fernando Reynolds de Sousa, Gustavo Andresen, J. Povoas Ramos de Magalhães, Fernando de Brito (Ermida), Alberto de Brito (Ermida), Joaquim Aires de Gouveia Allen, Eduardo Mendes d'Oliveira e D. Antonio Gallardo. (Cliché da phot. Evaristo, Espinho).

CANTARES

1—Sr. Augusto de Santa Rita, autor dos versos

I

Cantigas — rézas ao luar!—
Confessai-vos raparigas...
Que a penitencia é cantar
Um rosário de cantigas!

II

Ai! se eu fôra uma andorinha
—Ceu em ceu... e mar em mar...—
Seguir-te-hia ó moreninha
Quando fôsses emigrar!

III

O meu amôr adoeceu
Anda palido e doente...
Vae á Farmacia do Ceu
Toma em hostias o Sol-poente!

IV

A Noite—sua enfermeira—
Só leite o deixa tomar...
A lua é sua leiteira
E o seu leite é o luar!

V

O Dia morreu nos braços
Da Noite e fugiu a luz...
Tal como o Senhor dos Passos
Morreu nos braços da Cruz!

VI

Dentro em meu peito, Maria,
Tenho um relogio doirado
Que marca sempre meio-dia
Quando poises ao meu lado!

VII

No calendario doirado
D'este meu Amôr sem fim:
—E' dia santificado
Quando estás ao pé de mim!

VIII

Puz-me a medir teu retrato!
—Miniatura do Desejo—
E vi depois de medido
Que é do tamanho de um beijo!

IX

Quando vais caminho fóra
Perguntam todos quem é?!
E eu digo: — é Nossa Senhora
Que voltou de Nazareth!

X

Um Anjo no ceu dormindo
Em seu leito sideral,
Sonha... sonha um sonho lindo
E esse sonho é Portugal!

XI

Morena de que tens pena?...
Nada custa ser trigueira,
O que custa é ser morena...
—Morena d'essa maneira!

XII

Ser morena é ser Sol-posto...
E' ser o signal da Cruz...
Ser morena é ter o rosto
Ungido de sombra e luz!

XIII

Tuas olheiras vincadas
—O' meus castelos de ameias!
São noites iluminadas
Por teus olhos — luas cheias! —

XIV

Esta ternura suave
Que eu sinto por ti, santinha,
E' como um suspiro de ave...
Como o tombar da noitinha!

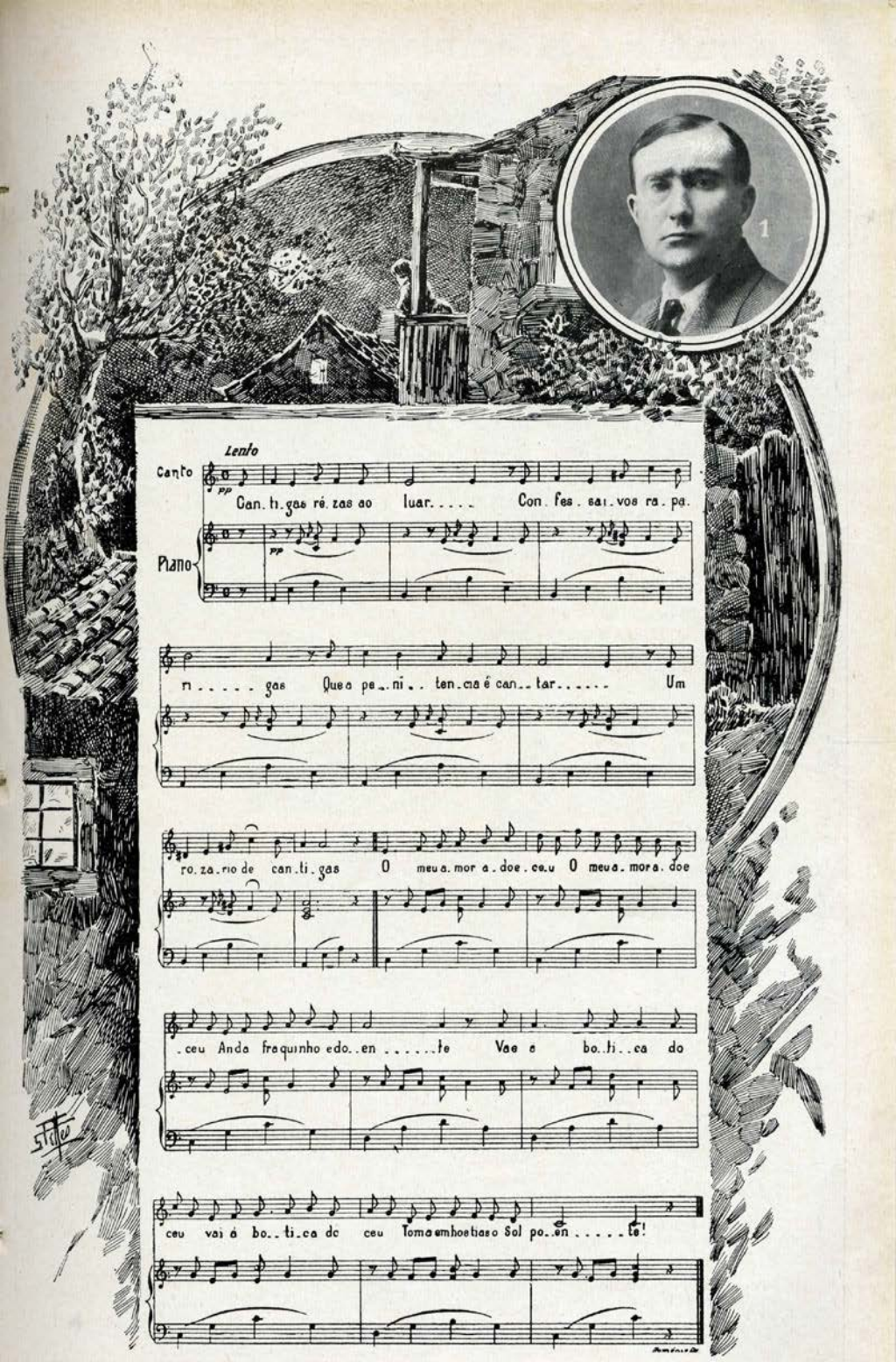
XV

Esta infindavel meiguice
E este amoroso Desejo
E' como se Deus fundisse
Uma lagrima n'um beijo!

XVI

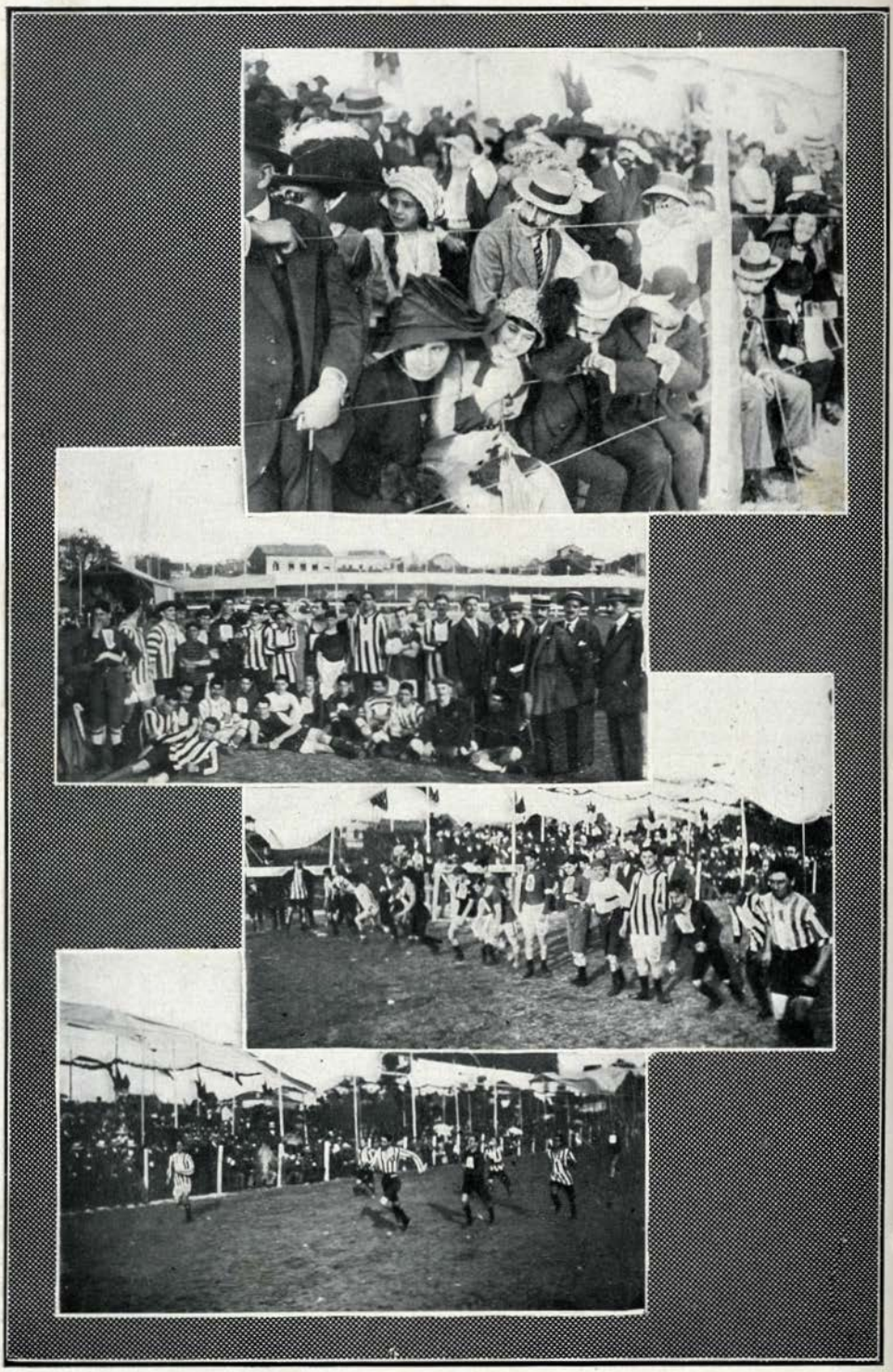
Cantar é adquirir de novo
Tempo perdido a chorar...
—Cantai ó Alma do Povo,
Resai cantigas ao luar!

(Poema e Musica das Arias, Rêsas, Canções e Cantares, livro recentemente publicado)



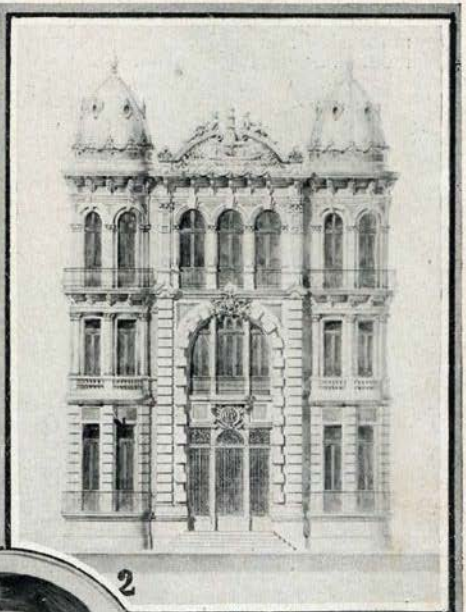
1—Sr. La Cruz Quezada, autor da musica.

FESTIVAL SPORTIVO NO PORTO



1—Aspéto da assistencia. 2—No aerodromo da rua Oliveira Monteiro: Corridas pedestres, um grupo de corredores. 3—Corridas pedestres: a partida dos corredores. 4—A chegada á «meta»

FIGURAS E FACTOS



1—O aniversario da Republica em Evoremoz: A ornamentação das janelas do sr. Cezar Bastos dos Reis.

2—A fachada da nova Associação Comercial de Pernambuco na praça Santos Dumont.

O ilustre dramaturgo sr dr. Augusto de Castro foi eleito presidente da comissão administrativa do teatro normal sendo eleitos gerente o ator Joaquim Costa secretario Carlos Santos e tesoureiro Luiz Pinto.

3—Dr. Augusto de Castro. presidente da comissão administrativa do Teatro Normal.
4—Max Linder em Lisboa: o artista, a bailarina Napierkowska e o emprezario sr. Lino Ferreira. (Cliché de Benoliel)

Os cães da serra da Estrela teem fama e são, como os de S. Bernardo, animaes de raça, proprios das montanhas, fortes e valentes, dentuça rija e cabeça grande, cães para baterem as alcateas, guardas atentos e fieis.

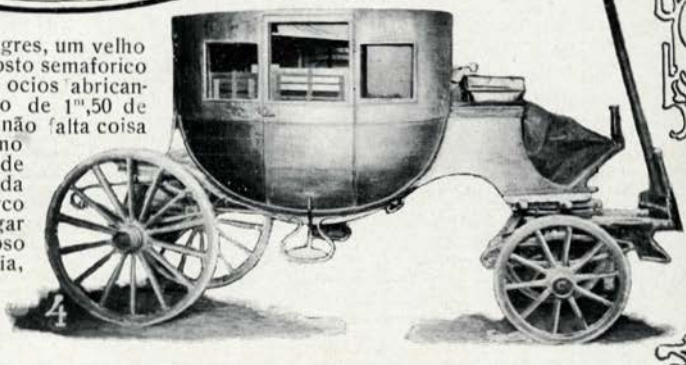
Tem havido, desde ha algum tempo, tentativas de aperfeiçoamento da raça, cruzamento com outras se teem feito com exito e n'algumas exposições realisadas isso se verificou d'uma notavel maneira.

Ha, porém, quem tenha contribuido d'uma fórma decisiva para o aperfeiçoamento de lindos exemplares d'esses animaes, que, como o reproduzido n'esta pagina, teem beleza, cunho proprio, são d'uma aparencia formosa. Entre os devotados a essa tarefa encontra-se o sr. Cruz Magalhães, a quem pertence o *Herminio*, e que possue outros animaes da mesma beleza.

Sem duvida, n'uma futura exposição canina a que eles concorram serão considerados como as mais belas estampas de cães da serra da Estrela.

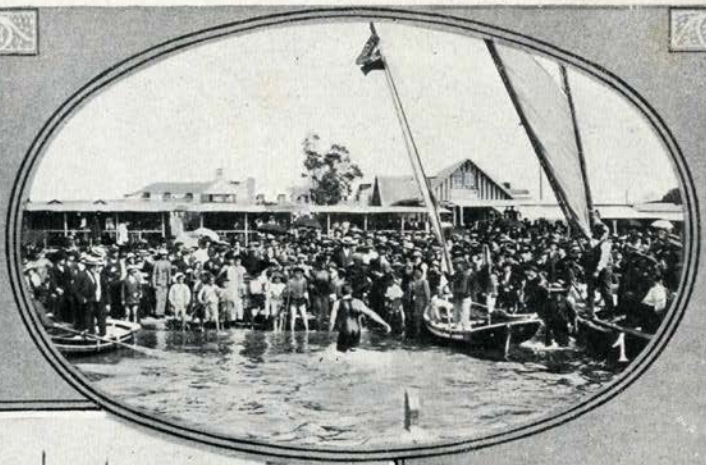
1—Sr. Cruz Magalhães, o creador dos esplendidos cães da Serra da Estrela.
2 — «Herminio», um puro exemplar de cão da Serra da Estrela.
3—Um pequeno barco com 1,50 de comprimento navegando sem tripulantes na praia da Ralleira (Sagres) e que foi construido pelo sr. Firmino chefe aposentado da estação semaforica.

Na ponta de Sagres, um velho empregado do posto semaforico entreteve os seus ocios fabricando um barquinho de 1m,50 de comprido a que não falta coisa alguma. E', como a fragata do rei de Roma, uma linda miniatura de barco veleiro a navegar no mar tormentoso da costa algarvia, onde tantos grandes navios teem naufragado.

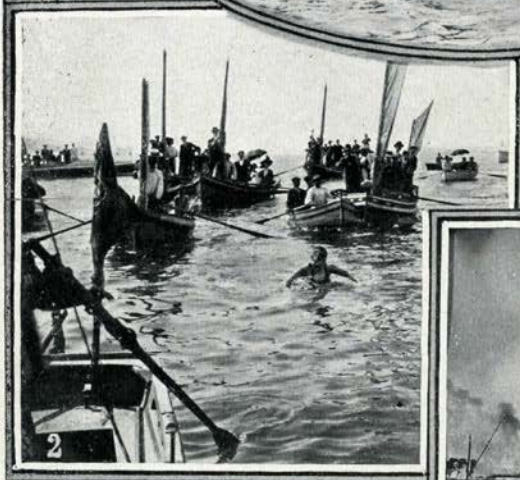


4—O carro de serviço do patriarca, arrematado por 25,10 escudos no leilão dos objetos do patriarcado feito em virtude da lei de separação. (Cliché de Benoliel)

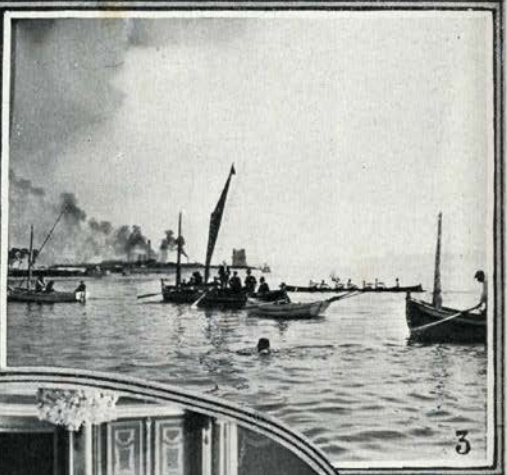
1—D. Maria Amalia Xavier Frazão, natural de Lisboa. Concluiu o curso de harpa ganhando o 1.º premio com 20 valores Conservatorio de Lisboa, sendo tambem classificada com o mesmo, no curso de piano. 2—D. Ceo Beça, organisadora do concurso que tanto sucesso está obtendo no «Suplemento de Modas e Bordados» 3—O sr. D. José Mendoza, presidente da Sociedade Protetora dos Animaes da Argentina que esteve de visita em Lisboa. 4—O emprezario portuguez Eduardo Vitorino, atual diretor do Teatro Nacional do Rio de Janeiro, que o estado brazileiro subvenciona. 5—O almirante Ferreira do Amaral presidente da comissão de defeza nacional.



1, 2 e 3—Aspêtos do concurso de natação realisado em 20 d'Outubro da praia da Trafaria a Pedrouços.



(Clichés de Benoliel)



4—Na Camara Municipal: A distribuição de premios concedidos ás melhores ornamentações de janelas pelo 2.° aniversario da Republica tendo recebido o 1.° premio o sr. Alfredo Ramal. (Cliché Benoliel)

As corridas velocipedicas realisadas no Porto, na estrada da circumvalação, entre a Areosa e o Castelo do Queijo, chamaram muita concorrencia áqueles locaes e foram na realidade uma brilhante prova desportiva, cheia de interesse e que bem demonstrou os cuidados que á capital do norte merecem os assuntos do «sport».

1 — Corridas velocipedicas no Porto: Partida dos corredores fracos. 2—Sr. Tavares da Rocha o 1.º corredor forte que chegou á «meta». 3—Da Areosa ao Castelo do Queijo: Partida dos corredores fortes. 4—Grupo dos officiaes que foram reforçar os contingentes da India. (Cliché de Benoliel)

MORENA

1—O autor das «Silvestres» sr. Costa Guimarães

Tu dizes que ela é morena
E eu encontro-a tão bonita
Que sinto uma ancia infinita
Por essa linda pequena.

Essas paredes seguras
De antigos casaes de moiros,
Embora fôssem escuras,
Guardavam ricos tesoiros.

E o proprio rei Salomão
Armava sempre em campanha
Um «escuro» pavilhão
De preciosidade estranha!

Porque essa pobre donzela.
Foi nos montes pegureira,
Agora não queres vêl-a
Assim «escura» e trigueira?!

Fosses ralhar com a mãe
Que a mandava a pé ás feiras
E que a obrigava tambem
A secar linho nas eiras...

Mas olha: a fruta é trigueira,
E tu góstas tanto d'ela,
Que, apenas ela te cheira,
Desejas logo comêl-a.

E as ricas maçãs camoêzas
São córadinhas de um lado...
E tu, meu doido, desprezas
Da môça o rosto córado?!

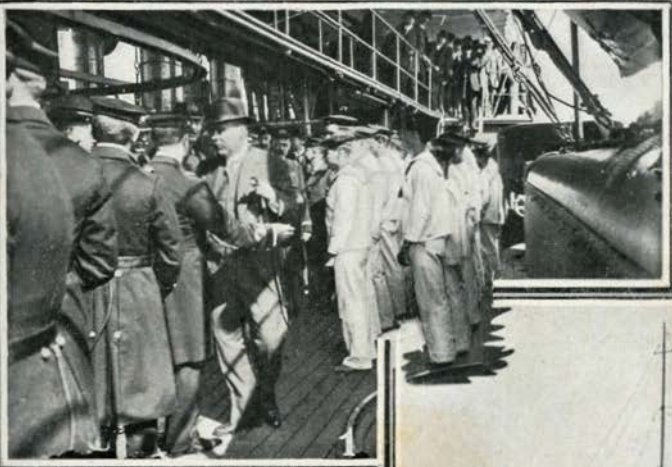
Pelos campos os trigaes
Morênos tambem não são?
E depois,—que queres mais!—
Não achas gostoso o pão??...

—Deixa lá! Não tenhas pena
De vêr a môça trigueira...
Eu gósto d'essa morena,
Quem m'a dera á minha beira!

COSTA GUIMARÃES.

Do livro «As Silvestres»

A PARTIDA DO "ADAMASTOR" PARA MACAU



O ministro da marinha foi tambem fazer as suas despedidas ao comandante e oficialidade do «Adamastor», que irá depois em comissão ao mar da China.

O «Adamastor» saíu do Tejo com destino a Port-Said, devendo seguir d'ali diretamente para Macau, sob o comando do capitão tenente sr. Souza Dias, um dos oficiaes revolucionarios da armada e a quem os seus camaradas da revolução foram afetuosamente abraçar no momento da partida.

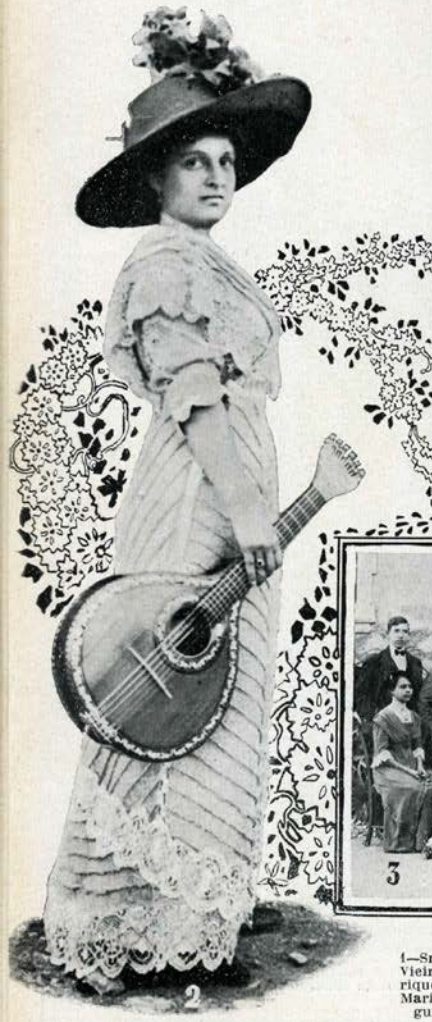
1—O ministro da marinha passando revista á guarnição.
2—O «Adamastor»

Foi passada revista á guarnição do excelente navio, que se mostrou muito satisfeita por essa viagem do cruzador da Republica Portugueza ás aguas da vasta Republica do Oriente.

3—O comandante do «Adamastor», capitão tenente Souza Dias, com os seus camaradas revolucionarios dr. Vasconcelos e Sá, Ladislau Parreira, José Carlos da Maia, e oficialidade do navio.—(Clichés de Benoliel)

UMA FESTA DE CARIDADE EM S. JOÃO DO ESTORIL

A favor das escolas da povoação, realisou-se no Club da Poça, em S. João, no Estoril, uma recita e concerto encantadores, em que tomaram parte algumas das mais distintas senhoras ali em viligiatura. A nota dominante porém, foi a revelação d'um talento dramatico, o da neta da grande atriz Amelia Vieira, a menina Madalena Caçador, que interpretou sentidamente o «João» da peça dramatica de Marcelino Mesquita a *Anedota*. Outras senhoras recitaram monologos, executaram trechos musicaes e cantaram córos, acompanhados por uma excelente orquestra d'amadores, que deu um grande realce á festa.



1—Sr.ª D. Madalena Caçador, neta da grande atriz Amelia Vieira, que fez o «João» da peça a «Anedota», e D. Fabia Henriques Nogueira que recitou o monologo «O Riso». 2—Sr.ª D. Maria da Conceição Assis, que tocou modinhas nacionaes na guitarra. 3—O grupo dos córos. (Clichés de Alberto Lima)

Inauguração do hipodromo do Porto

Inaugurou-se no Porto um hipodromo, e aereodromo onde se realisaram corridas de cavalos e sobre o qual o aviador Paumet pairou com o seu monoplano.

Fizeram-se magnificas provas de corridas de cavalos, sendo a primeira de montadas de sargentos, a segunda de cavalos nacionaes, a terceira de cavalos estrangeiros e a quarta um campeonato de cavalos nacionaes e estrangeiros.

Uma imensa assistencia aplaudiu os cavaleiros, bem como o aviador que deliberou fazer um vôo pela noite com o aparelho iluminado a luz eletrica.

1—A tribuna do jurí. 2—Um aspêto das corridas. 3—O tenente sr. Jara de Carvalho, um dos vencedores e a assistencia.
(Clichés de Alvaro Martins)

NA ALHANDRA UMA CAÇADA AOS COELHOS

1

2

A caçada aos coelhos é um dos mais interessantes exercicios venatorios. Andam os caçadores leguas em batidas por charnecas com seus batedores e furoeiros desalojando os animaes sobre os quaes os cães correm lestos; os tiros soam e pela noite, no regresso, os episodios da caçada relembram-se alegremente.

A's vezes são verdadeiras montarias de otimos resultados, por cerros e montados. Bandos enormes de caçadores vão de Lisboa aos arrabaldes onde, como em Alcochete e Alhandra, os coelhos abundam, dando por bem empregados os esforços, as pontarias e o tempo consumido n'essa proveitosa diversão.

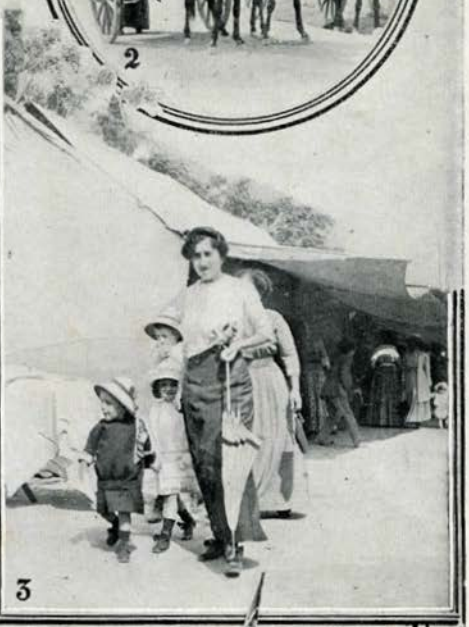
3

1—O grupo de caçadores na propriedade do sr. João Afonso de Carvalho na caçada promovida pelo sr. Antonio da Luz Cancio e na qual foram mortos 26 coelhos e 2 perdizes. 2—O sr. dr. Estanislau Nogueira n'uma espera. 3—Furuando uma toca de coelhos. (Clichés do sr. Homero Cancio)

A feira de Vila Franca

1

2



3

1—Forasteiras...
2—A caminho da feira.
3—Passeando na feira.
4—A barraca que obteve o 1.º premio no concurso.
(Cliches do sr. José Coutinho)

4

ENTREGA DO AEROPLANO «REPUBLICA» AO GOVERNO

O Diretorio do partido republicano adquiriu um aeroplano destinado ao exercito e a que deu o nome de «Republica». As primeiras experiencias deram um otimo resultado, fazendo-se varios vôos, tendo subido no aparelho varias pessoas, n'uma ancia de sensações novas. Em 17 de outubro, querendo o aviador fazer uma prova de resistencia, que realisou n'um vôo esplendido até Aldegalega, Mouchão da Povoa e Alcochete, passando sempre sobre o Tejo em companhia do sr. Marques da Costa, o motor sofreu uma «panne», sendo obrigado a fazer uma descida precepitada, que o habil piloto conseguiu com o maior sangue frio, por «étapes», até que baixou proximo da Torre de Belem, na agua, a uns quarenta metros da praia, vindo para terra em botes os tripulantes do «Republica», que nem sequer se molharam.

O aparelho fôra entregue na vespera, solenemente, ao governo na presença do Presidente da Republica, no aerodromo de Pedrouços depois de ter feito alguns vôos rapidos, em decisiva experiencia.

Foi uma cerimonia cheia de brilho essa em que o nosso primeiro aeroplano de guerra ficou definitivamente na posse do respetivo ministerio, que o vae utilisar para instrução de oficiaes aviadores.

1—O aviador no aparelho com um dos ajudantes do ministro da guerra. 2—O chefe do Estado e o sr. dr. Afonso Costa observando o vôo. (Clichés de Benoliel)

3—Antes da assinatura do Presidente da Republica: O ministro da guerra, o chefe do Estado e o sr. Luiz Filipe da Mata, representante do Diretorio.

FIGURAS E FACTOS

1

1—Monumento erigido em Castelfidaldo (Italia) ao general Cialdini, que tomou parte nas nossas lutas liberaes de 1833, assistindo por convite especial á inauguração o nosso ilustre ministro em Roma, sr. dr. Eusebio Leão.

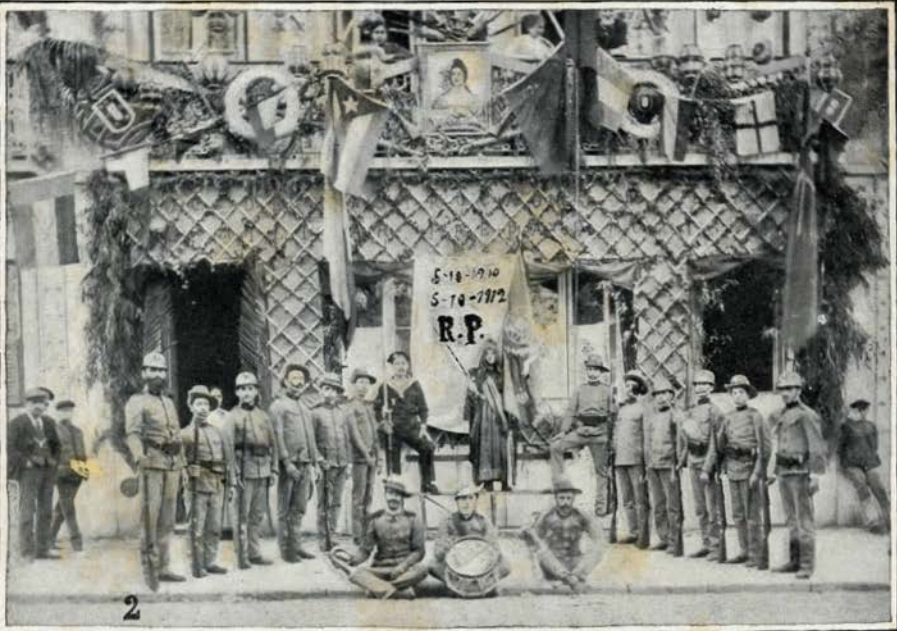
2

A assistencia saudou calorosamente o nosso paiz, havendo em todos os discursos as mais honrosas referencias a Portugal. 2 — Edificio escolar em Valega (Ovar) construido a expensas do benemerito cidadão José d'Oliveira Lopes, a quem

3 ×

a Republica Portugueza deve os mais assinalados serviços, sendo n'aquele edificio que se celebraram as festas comemorativas do 2.º aniversario do novo regimen. 3—A comissão republicana de Valega, que ofereceu um jantar ao sr. José d'Oliveira Lopes (◇) (Clichés do distinto fotografo amador sr. Ricardo Ribeiro, de Ovar.)

1—O sr. dr. João Coelho, governador do estado do Pará, a bordo do «Lanfranc», no dia da sua chegada, acompanhado pelo sr. dr. Eduardo Lisboa, ministro do Brazil, secretarios da legação brazileira e outros seus distintos companheiros.



2—As festas do aniversario da Republica no batalhão voluntario 4 de outubro: as ornamentações e alguns dos voluntarios.